



A Ciência da Religião através de Joachim Wach: fundamentos para a compreensão da experiência religiosa

The Religious Studies through Joachim Wach: foundations for understanding religious experience

Nathália Ferreira de Sousa Martins

Docente do PPGPCR da Faculdade Unida de Vitória

Resumo: No escopo deste artigo pretende-se apresentar o autor, Joachim Wach, que até o presente momento, possui poucas pesquisas que se aprofundem nos seus escritos. Joachim Wach, autor alemão situado no final do XIX e início do século XX dedicou toda sua carreira acadêmica a pensar e praticar a Ciência da Religião nos contextos em que viveu. Tendo em vista os imbróglis epistemológicos que a área ainda enfrenta no Brasil, retomar aos clássicos, se faz tarefa necessária e importante a fim de saber em que terreno se pisa, de onde se partir e para onde queremos chegar na hora de fazer as pesquisas em CR. Assim, intentamos apresentar, os aspectos teóricos que Wach elaborou pensando nos parâmetros epistemológicos para CR enquanto uma ciência autônoma em relação às outras áreas das Ciências Humanas. Desse modo, buscamos responder à questão sobre a contribuição de Joachim Wach para pensarmos a CR brasileira.

Palavras-chave: Joachim Wach. Ciência da Religião. Experiência Religiosa. Epistemologia.

Abstract: The scope of this article intends to present the author, Joachim Wach, who, up to now, has little research that delves into his writings. Joachim Wach, a German author located at the end of the 19th and beginning of the 20th century, dedicated his entire academic career to thinking about and practicing the Science of Religion in the contexts in which he lived. Bearing in mind the epistemological imbroglis that the area still faces in Brazil, returning to the classics is a necessary and important task in order to know what ground we are standing on, where to start and where we want to go when carrying out research in CR. Thus, we intend to present the theoretical aspects that Wach elaborated thinking about the epistemological parameters for CR as an autonomous science in relation to other areas of Human Sciences. In this way, we seek to answer the question about Joachim Wach's contribution to thinking about Brazilian CR.

Keywords: Joachim Wach. Religious Studies. Religious Experience. Epistemology.

Recebido em: 12 set. 2023 - Aprovado em: 23 mar. 2024.

Introdução

Elaborar epistemologias ainda é uma tarefa basilar da Ciência da Religião (CR). Mesmo sendo estabelecida como uma área na Capes que a nomeia como Ciências da Religião (e Teologia) e, teoricamente, unifica a área nas IES do país, ainda não há consonância teórica e metodológica entre os pesquisadores da CR. As diferenças que ainda vemos nos nomes de algumas instituições, que variam entre singulares e plurais (Ciência da Religião, Ciências da Religião e Ciências das Religiões) são indicativos de que não há horizontes para consensos em termos epistemológicos. Por esse motivo, retomar aos clássicos se faz tarefa necessária e importante a fim de saber em que terreno se pisa, de onde se partir e para onde queremos chegar na hora de fazer as pesquisas em CR. Não obstante, alguns clássicos (considerando o contexto histórico-social), já tinham uma certa clareza do que se esperar da CR enquanto uma área de estudo, seu objeto, sua tarefa, sua abordagem, sua metodologia específica. Precisamente, falamos sobre Joachim Wach, autor alemão situado no final do XIX e início do século XX que, mesmo lotado em cadeiras teológicas, dedicou toda sua carreira acadêmica a pensar e praticar a Ciência da Religião nos contextos em que viveu.

No escopo deste artigo, pretende-se de certa forma apresentar o autor, que apesar de ser objeto de interlocução com os(as) autores(as) brasileiros(as), até o presente momento, possui poucas pesquisas que se aprofundem nos seus escritos². Dentre os motivos para essa escassez está o fato de que a CR em outros países surgiu no escopo de uma discussão fenomenológica-filosófica em torno das diversas humanidades, enquanto no Brasil, por influência da Teologia da Libertação, foi dada uma ênfase maior a autores das ciências sociais³; outro fator a se considerar é a carência de traduções das obras de Wach para o português, temos acesso apenas a uma obra completa, “Sociologia da Religião”⁴ e a um capítulo do livro *Introduction to the history of religions*⁵, intitulado “Os ramos da Ciência da Religião”⁶. Até mesmo os outros textos, em língua inglesa e alemã, são difíceis de se encontrar em livrarias ou bibliotecas brasileiras, obrigando ao pesquisador(a) interessado(a) à procura em

² Cf. FIGUEIRA, Eulálio Avelino Pereira. A religião na contingência e solidariedade: a experiência humana do sagrado para o fazer ciência da religião — um estudo à luz do pensamento pragmático de Richard Rorty. (In.). Revista Lusófona De Ciência Das Religiões – Ano IV, n.º 7/8 – 289-305. 2005. HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico; PORTELLA, Rodrigo. Ciência da Religião: uma proposta a caminho para consensos mínimos. (In.). Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 433-456, 2012. DOWELL SJ, João A. Mac. Experiência religiosa e cultura moderna. Interações - Cultura e Comunidade / v. 3 n. 4 / p. 17-36 / 2008. STERN, Fábio L. Taxonomia da ciência da religião: considerações sobre três ramos da disciplina. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 44, 2023.

³ GROSS, Eduardo. A ciência da religião no Brasil: teses sobre a sua constituição e seus desafios. (In.). OLIVEIRA, Kathlen Luana de et al. (Orgs.). *Religião, Política, Poder e Cultura na América Latina*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2012.

⁴ WACH, Joachim. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1990.

⁵ WACH, Joachim. *Introduction to the history of religion*. Joachim Wach. (Ed.). Joseph M. Kitagawa; Gregory D. Alies; Karl W. Luckert. New York: Macmillan Publishing Company; London: Collier Macmillan Publishers. 1988.

⁶ WACH, Joachim. Os ramos da Ciência da Religião. *REVER* • v. 18 • n. 2 • mai/ago 2018.

bibliotecas internacionais para acessar o acervo completo do autor, como foi o esforço empreendido pela presente pesquisadora.

Nesse sentido, perscrutaremos alguns dos principais conceitos de Wach para pensarmos a Ciência da Religião em nosso contexto, precisamente nos debruçaremos sobre o conceito de experiência religiosa e sua proposta de abordagem compreensiva, a Compreensão Empática. O empenho desse artigo foi empreendido de forma extensa na tese doutoral da presente pesquisadora, que além de apresentar o autor buscou aplicar seu esquema epistemológico ao Ensino Religioso, uma vez que este componente curricular corresponde ao que convencionamos chamar de CR aplicada. No presente texto, intentamos apresentar, de maneira mais concisa, os aspectos teóricos que Wach elaborou pensando nos parâmetros epistemológicos para CR enquanto uma ciência autônoma em relação às outras áreas das Ciências Humanas. Desse modo, buscamos responder à questão sobre a contribuição de Joachim Wach para pensarmos a CR brasileira.

1. O autor – aspectos bio/bibliográficos

Por se tratar de um texto de apresentação, se torna interessante dispor de informações biográficas do autor, incluindo informações sobre sua carreira acadêmica e interesse na temática religiosa. É importante entender o contexto em que Wach estabeleceu seus horizontes hermenêuticos para entender a reflexão que propõe. Nesse sentido, à luz de sua trajetória pessoal e acadêmica serão elencadas as três fases do pensamento de Wach que possui um impacto significativo em sua sistematização da CR⁷.

Joachim Ernst Adolphe Feliz Wach, nascido na cidade de Chemnitz – Alemanha, em 25 de janeiro de 1898, tinha linhagem judaica, tanto por parte materna quanto paterna. Sua família era composta por pessoas de cultura erudita e renomadas socialmente, por essa razão foi exposto a idiomas estrangeiros, poesia, música e literatura desde muito novo. Fato este que fez florescer em Wach curiosidade aguçada e capacidade de sistematização ainda durante sua adolescência. A partir de um contato desprezioso com o catolicismo, ainda quando garoto, despertou curiosidade sobre o fenômeno religioso. Na juventude passou pela experiência de servir ao exército alemão por dois anos, vivência que trouxe benesses – o autor brincava ao dizer que sua compreensão de russo e árabe era subproduto de sua experiência militar – mas, também, trouxe agravos e reflexões profundas principalmente ao lidar com a morte de

⁷ Os dados biográficos que serão apresentados a seguir foram selecionados a partir das introduções dos livros de Joachim Wach, editados por Joseph Kitagawa (*in memoriam*), que foi aluno, discípulo e grande admirador do autor. Grande parte dessas informações encontra-se em *Comparative Study of Religions* (1958), livro que Wach ainda escrevia na ocasião de sua morte. Tal obra foi editada por Kitagawa juntamente com a irmã do autor, Frao Susi Heigl-Wach, que contribuiu sobretudo com a lembrança dos fatos da infância e da juventude dele.

pessoas próximas, experiências que de alguma forma moldaram a sua própria vivência religiosa⁸.

Sua trajetória acadêmica começa a se desenhar ainda na Alemanha, e em 1922 recebe seu diploma de doutorado em Filosofia, tendo influências de autores como Ernst Troeltsch, Nathan Soderblom, Max Weber, Rudolf Otto, entre outros. Em 1924 Wach recebeu a nomeação de *Privatdozent* (conferencista externo) em Leipzig, apresentando a tese de habilitação *Religionswissenschaft: Prolegomena zu ihrer wissenschaftstheoretischen Grundlegung* (Ciência da Religião: Prolegômenos pela fundação da teoria científica), na Faculdade de Filosofia, tese que completa, no ano de 2024, 100 anos e possui um valor significativo para área da CR (falaremos mais sobre nos próximos tópicos). O texto completo foi traduzido para língua inglesa em 1988 como “*Introduction to the history of religions*”⁹ e um capítulo foi traduzido recentemente em 2018 para o português como “Ramos da Ciência da Religião”¹⁰. Em 1929 se torna professor assistente na mesma instituição e em 1930 recebe o diploma, pela Universidade de Heidelberg, do segundo doutorado, agora em Teologia. Sua passagem por Leipzig foi marcada por publicações relevantes sobre o tema da hermenêutica¹¹.

Entre 1922 a 1935, período em que Wach residia, estudava e lecionava na Alemanha, considera-se a primeira fase do seu pensamento. Segundo Kitagawa¹², que foi um aluno e discípulo de Wach, nessa fase o autor se dedicou às questões de cunho metodológico e teórico da Ciência da Religião (tradução literal de *Religionswissenschaft*), dando ênfase aos fundamentos hermenêuticos da tarefa histórico-descritiva da CR. Seu empenho consistia em uma delimitação rigorosa da área, diferenciando a CR das outras áreas das Ciências Humanas, marcadamente da filosofia e da teologia, com isso ele demarcou as fronteiras e atribuições da CR, com intuito de chegar à emancipação da área. A sua já citada tese de habilitação¹³ é o indicativo de seu esforço. Em cada capítulo Wach explicita as funções da área desde as tarefas, o método, os ramos, etc.

No contexto em que estava inserido, Wach notou uma resistência à emancipação da Ciência da Religião devido à primazia que a Teologia detinha no estudo da religião. Para um estudo independente e desvinculado das restrições religiosas, ele considerava a emancipação essencial, já que os pressupostos das duas disciplinas eram distintos. Devido a essa situação, a CR permanecera vinculada à filosofia da religião por algum tempo. No entanto, Wach empenhou-se em desvinculá-

⁸ KITAGAWA, Joseph M. Introduction: The life and thought of Joachim Wach. (In.). WACH, Joachim. *The Comparative Study of Religions*. pp. xiii – xlvi. New York and London: Columbia University Press, 1958.

⁹ WACH, 1988.

¹⁰ WACH, 2018.

¹¹ KITAGAWA, 1958.

¹² KITAGAWA, 1958.

¹³ O livro foi traduzido como *Introdução à História da Religião*, e não à *Ciência da Religião*, como no título original. Isso se deu devido a uma questão semântica (e comercial) que envolve a compreensão do que seja a área na Alemanha e nos Estados Unidos. Por esse motivo, todas as vezes que os seus livros se referem a história da religião, na verdade, referem-se à Ciência da Religião.

la também dessa área, considerando o caráter especulativo da filosofia distinto do caráter empírico das CR, que se concentram na descrição e interpretação dos dados religiosos. Isso não implica que a CR não possa utilizar análises e dados de outras ciências humanas, como história, filologia e etnologia, ou fornecer dados a elas. A questão central é que os interesses das outras ciências não devem ser impostos à CR¹⁴.

Wach cita alguns exemplos dessas diferenças. Para ele devemos acolher positivamente as ocasiões em que uma disciplina acadêmica possa ser útil à vida prática, mas transformar esse serviço em subordinação ameaça o caráter da disciplina como ciência pura. No entendimento do autor, não há impedimento para que um teólogo estude a história das religiões para defender sua própria fé, mas a CR não deve se tornar um manual a serviço de qualquer doutrina. Um filósofo pode estudar a história religiosa para sustentar suas teorias, mas a CR não deve se comprometer a provar que suas visões estão corretas. Da mesma forma, alguém pode interpretar as descobertas da CR para atacar ou defender religiões, mas a própria Ciência da Religião deve manter-se independente desses esforços¹⁵.

A CR tem uma tarefa específica que se distingue do caráter especulativo da filosofia da religião e dos pressupostos sobre a verdade religiosa da teologia. Enquanto uma ciência humana, não se ocupa em discutir a verdade religiosa, tema mais relevante para a filosofia e a teologia, e não toma a verdade religiosa como ponto de partida, isto é, não se fundamenta na realidade concreta do sobrenatural. A CR vê a experiência religiosa como um dado humano, expresso pelos seres humanos, por isso seu enfoque empírico. Nesse sentido, Wach afirma que “é possível suspender a questão da validade e ainda reconhecer o caráter intencional dos atos religiosos”¹⁶. Inclusive, só fazem sentido os esforços empírico-interpretativos da CR se “a possibilidade de suspender a questão da validade for pressuposta”¹⁷, princípio que Wach atribui à fenomenologia da religião de Scheler.

Na primeira fase de seu pensamento, Wach define o objeto da CR como “a multiplicidade de religiões dadas empiricamente”. Sua tarefa é estudá-las, compreendê-las e retratá-las de duas formas: “longitudinalmente no tempo” (diacronicamente) e em “seções transversais” (sincronicamente), isto é, de acordo com seu desenvolvimento e sua existência (*Sein*). Como um fenômeno presente na historicidade humana, a investigação deve ser tanto histórica quanto sistemática, utilizando métodos e ferramentas das ciências humanas¹⁸. A CR não é meramente descritiva nem puramente subjetiva. Assim, há uma diferença fundamental entre compreender uma religião e adotá-la como sua própria. Uma não é condição para a outra. Segundo Wach, pertencer a uma religião não requer conhecimento acadêmico sobre ela, e, reciprocamente, para estudá-la academicamente, não é necessário ser adepto dessa religião. Compreender uma religião envolve mais do que apenas descrever suas manifestações; é necessário alcançar uma compreensão completa de

¹⁴ WACH, 1988, p.9.

¹⁵ WACH, 1988, p. 12, 13.

¹⁶ WACH, 1988, p. 22 – tradução nossa.

¹⁷ WACH, 1988, p. 22 – tradução nossa.

¹⁸ WACH, 1988, p. 18 – tradução nossa.

suas expressões e significados internos. Isso pode ser alcançado por meio da descrição, comparação e análise das religiões, considerando-as em conjunto e identificando suas semelhanças, divergências e ressignificações¹⁹. Como dito em nossa tese doutoral,

O que Wach destaca é que o objeto da CR é o produto da crença (e seu potencial efeito) e não o referente à que ela se destina. Isso não é validar a crença, mas considerar o que ela expressa como significativo para aquela determinada experiência. Contudo, não é uma compreensão puramente objetiva, mas busca a compreensão do fenômeno como um todo, os atos religiosos e a intenção, “o ato mais o ‘conteúdo’: a doutrina e seu significado, o culto e seu sentido” (WACH, 1988, p. 27), tendo a “expressão da vida religiosa” como “uma ponte para sua compreensão” (WACH, 1988, p. 29), o que difere dos objetivos da filosofia e da sociologia, por exemplo²⁰.

Para esse nível de compressão é necessária uma hermenêutica singular que dê conta da especificidade da religião, posto que, apenas a razão não seria suficiente. Como a religião se expressa através dos seres humanos, é necessário um envolvimento, um elemento humano por parte do pesquisador envolvido no ato de compreender a experiência religiosa. Para isso, Wach cunhou uma abordagem chamada de Compreensão Empática²¹, abordaremos com mais detalhes a seguir.

De uma maneira muito repentina a carreira de Wach na Alemanha foi interrompida em razão da tirania nazista que pressionou para que os professores de descendência judaica fossem deligados das universidades. Em 10 de abril de 1935, tendo sua nomeação em Leipzig encerrada, exilou-se nos Estados Unidos aproveitando o convite de um amigo para lecionar na Universidade de Brown (onde permaneceu até 1945). Deslocamento penoso, pois Wach precisou deixar sua família, que sofreu em campos de concentração, seus bens, seu país e ver sucumbir muito do que havia visto ser construído na sua vida e na vida dos que estavam à sua volta²².

A chegada nos Estado Unidos, inaugura a segunda fase do seu pensamento, na qual se dedica a pesquisar o aspecto sistemático da CR correlacionando-o com a sociologia. Nessa fase, autores como Wilhelm Dütthey, Max Scheler, Ernst Troeltsch e Max Weber foram muito influentes. Esse segundo momento está intimamente ligado ao primeiro, na etapa inicial Wach rejeitou uma abordagem meramente especulativa na CR, porém defendeu que os dados precisam ser compreendidos de forma a capturar não só suas descrições, mas também seus significados e sentidos dentro da estrutura

¹⁹ WACH, 1988, p.24.

²⁰ SOUSA MARTINS, Nathália Ferreira de. *Por um ensino religioso empático: proposta de aplicação da compreensão empática da experiência religiosa de Joachim Wach para o Ensino Religioso*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2022. p. 24, 25.

²¹ Tradução realizada pela presente pesquisadora do termo: *Sympathetic Understanding*.

²² KITAGAWA, Joseph M. Introduction. (In.). WACH, Joachim. *Understanding and Believing: Essays by Joachim Wach*. pp. vii – xviii. (Ed.). Joseph M. Kitagawa. New York: Harper Torchbooks, 1968, p. xi

em questão. Nesse ponto, a conexão com a sociologia adquire uma nova importância, uma vez que a abordagem sistemática da CR incorpora os contributos sociológicos.

De acordo com Wach, a abordagem sistemática/sociológica da CR se concentrava em dois aspectos principais: (1) investigar a relação entre religião e sociedade, analisando as origens e funções sociológicas de mitos, doutrinas, cultos e associações, assim como os efeitos significativos da religião na sociedade; e (2) estudar os diversos grupos religiosos. Ele defendia a necessidade de uma integração mais estreita da CR com outras disciplinas, especialmente as ciências sociais e humanas. Enquanto na primeira fase Wach destacava a compreensão das influências das outras esferas na religião, agora ele também ressalta a importância de entender a influência da religião na sociedade²³.

Em 1944, Wach publicou seu primeiro livro em língua inglesa, *Sociology of Religion* (traduzido para o português em 1990 com o título *Sociologia da Religião*). Como destacamos em nosso trabalho doutoral,

A sua *Sociologia da Religião* foi uma tentativa de “construir uma ponte sobre o abismo que ainda existe entre o estudo da religião e as ciências sociais” (WACH, 1990, p. 7). No entanto, o objetivo final de seu estudo sociológico (sistemático) da religião era “obter novos insights sobre as relações entre as várias formas de expressão da experiência religiosa e, eventualmente, compreender melhor os vários aspectos da própria experiência religiosa” (WACH, 1990, p. 15). Como ele mesmo afirma ainda no prefácio da obra: “A experiência pessoal ajudou o autor na compreensão da vital importância e significado da religião como fator de integração na sociedade humana e para compreender a sua função na crise contemporânea das civilizações do Oriente e do Ocidente” (WACH, 1990, p. 7)²⁴.

Para a CR, a segunda fase dos estudos de Wach foi crucial. Ela estabelece a importância de entender a religião como um todo que permeia as diversas dimensões da vida social, sendo essencial para a sua compreensão. Isso ressalta a relevância social da CR, especialmente na contemporaneidade, onde as fronteiras entre religião e política se mostram indefinidas. Compreender os significados da experiência religiosa é fundamental para entender as atitudes e ações dos indivíduos religiosos na sociedade, facilitando a relação com esses sujeitos. Afinal, ao compreender a religião, compreende-se também o ser humano religioso e sua atuação social.

A segunda fase do pensamento de Wach se encerra por volta de 1945, quando recebeu o convite da Universidade de Chicago para lecionar na Faculdade de Teologia, hoje conhecida como *Divinity School*, onde atuou como docente e presidente da cadeira de História das Religiões. Sem tirar os olhos da CR, Wach representou em Chicago um elo entre a faculdade de teologia e as outras disciplinas das ciências humanas e sociais.

²³ WACH, 1990.

²⁴ SOUSA MARTINS, 2022, p. 26.

Nos seus últimos dez anos, considerados a terceira fase de seu pensamento (1945-1955), percebe-se a confluência de vários fatores, com um maior comprometimento no que diz respeito à religião cristã, influenciado pela sua atuação em uma renomada faculdade de teologia. Sua busca por uma compreensão abrangente dos diversos aspectos e expressões da experiência religiosa levou-o a reavaliar a relação entre a Ciência da Religião e as ciências sociais, e também as possíveis associações com disciplinas normativas, tal qual a filosofia da religião e as diversas teologias. Wach passou então a defender que a Ciência da Religião fosse ensinada tanto na faculdade de humanidades quanto na de teologia.

Como seu principal esforço e objetivo acadêmico era estabelecer a Ciência da Religião (CR) nos Estados Unidos, partindo de uma instituição teológica, fazia sentido que Wach defendesse com veemência as inter-relações entre as duas áreas. Na primeira fase de seu pensamento, ele delineava rigorosamente os objetivos da CR como distintos da teologia. No entanto, nesta fase, nota-se uma abordagem mais flexível, destacando os benefícios práticos da CR para a teologia e vice-versa, promovendo uma cooperação mais estreita entre ambas²⁵. Wach promove essa interação e aplicação sem perder de vista aquilo que é específico da CR. Para ele a CR possui um campo de estudo distinto da teologia, focando-se nas religiões “estrangeiras” em toda a sua diversidade e não em nossa própria religião. Em vez de questionar “em que devo acreditar?”, ela investiga “no que se acredita?”. Seu objetivo é compreender e apresentar as religiões estudadas como totalidades vivas, contextualizando crenças, ideias, costumes e modos de vida dentro do espírito da religião como um todo. Portanto, a preocupação central da Ciência da Religião é a compreensão das outras religiões²⁶.

Fato é que Wach se preocupou em apresentar uma aplicação para a CR, não se tratando de uma ciência voltada apenas para um intelectualismo individualista, ela

²⁵ Alguns exemplos na escrita de Wach que mostram esse esforço de relacionar CR com a Teologia: “É significativo para missões; eles têm tanto direito de fazer uso do trabalho da Ciência da Religião (*Religionswissenschaft*) quanto esta sempre aceitará com gratidão para estudar – e isso não dispensa críticas – os resultados de relatórios missionários sobre outras religiões. Por uma questão de contato (*Anknüpfung*), será muito importante reconhecer as forças motivadoras primárias da religiosidade com a qual se confronta. Essas forças definitivamente nem sempre são expressas nas ideias e crenças da doutrina oficial primária. É importante identificá-los, determinar onde e para que exterior uma religião está viva e tem poder para viver. É importante determinar onde estão os pontos negativos e sensíveis que requerem cuidados atenciosos e determinar onde aparecem os valores positivos, cuja admiração é necessária para que ocorra o contato e a comunicação. [...] O missionário achará valioso ter elaborado por si mesmo escalas do tipo sugerido aqui. Do seu ponto de vista, ele conhecerá bem a religião da nação ou tribo com a qual lida principalmente. Mas, ele de bom grado, além disso, também irá gostar de adquirir o maior pano de fundo com o qual ele pode entender ainda mais profundamente esta religião. [...] ... que por trás do motivo religioso todos os outros motivos devem recuar para segundo plano, e que as pessoas a quem missionamos devem ser conduzidas a uma religiosidade adequada a si mesmos e à sua singularidade. Assim, o estudo aprofundado de sua singularidade torna-se uma tarefa cada vez mais importante; para isso, também, a Ciência da Religião (*Religionswissenschaft*) pode contribuir com sua parte (WACH, Joachim. *Understanding and Believing: Essays by Joachim Wach*. (Ed.). Joseph M. Kitagawa. New York: Harper Torchbooks, 1968, p. 130, 140 – tradução nossa).

²⁶ WACH, 1968, p. 126, 129, 130.

pode ter ressonância para os indivíduos que pesquisam, e nos encorajar hoje a olhar para realidade em que vivemos e buscar práxis que se encaixem em nosso contexto.

Ao visualizar as três fases do pensamento de Wach é possível perceber uma espécie de espiral em seus estudos. Ele revisitou seus pressupostos iniciais e reconheceu que sua sociologia da religião se limitava ao exame de grupos religiosos. Contudo, enfatizou que questões teológicas, filosóficas e metafísicas decorrentes desse estudo também devem ser abordadas²⁷. Kitagawa²⁸ destaca que Wach propôs uma "cooperação" entre diferentes modos de investigação, como sociologia da religião, filosofia da sociedade e teologia empírica, cada um com seus próprios objetivos, métodos e limitações, para uma compreensão sistemática da realidade. Na terceira fase de sua vida, Wach sentiu a necessidade de "interpenetração" desses métodos a partir de cada pesquisador para alcançar uma "compreensão integral". Sua busca por essa compreensão coincidiu com a busca por uma "pessoa integrada" e o levou a reexaminar a relação entre a Ciência da Religião e a teologia, seguindo o exemplo de Rudolf Otto. Assim, Wach postulou que uma "compreensão integral" da religião exigiria a cooperação entre diversas disciplinas, oferecendo uma visão mais ampla do fenômeno religioso.

Infelizmente Wach não teve tempo para ver o seu empenho realizado, embora o seu último livro, *The comparative study of religions*, possa ser considerado como uma tentativa exitosa, esta sua última obra precisou ser terminada postumamente por Kitagawa e sua irmã Susie Wach, posto que veio a óbito enquanto o finalizava em decorrência de um infarto sofrido quando visitava sua mãe e irmã na Suíça.

2. A experiência religiosa e suas expressões

O termo "experiência religiosa" é caro para Wach, assumindo por vezes o mesmo sentido que ele dá ao conceito "religião"²⁹, isso porque, religião é um fenômeno, é uma experiência, é algo que se manifesta através daqueles (as) que a praticam. Essa utilização do conceito transparece uma perspectiva fenomenológica, na qual a definição de religião/experiência religiosa não depende da veracidade dos fatos religiosos, da concretude dos referentes para os quais se dirigem as crenças. No entanto, sua definição é o resultado de pesquisa acadêmica, logo entender a natureza da experiência religiosa não é um ato de fé, mas sim o resultado da observação e investigação empírica. Assim, embora a religião envolva a crença em elementos sobrenaturais que não podem ser empiricamente observados, isso não impede a realização de pesquisas sobre essas crenças³⁰. Uma abordagem fenomenológica permite acessar a experiência religiosa através das manifestações e expressões que surgem dela mesma.

²⁷ WACH, 1990, p. 448.

²⁸ WACH, 1988, p. xxix, xxx.

²⁹ Outros leitores de Wach como Frick (1973, p.120,121 – tradução nossa), pontuam que conseguem perceber uma certa ambiguidade na utilização do termo, a experiência religiosa seria "um conceito e seu conteúdo", é tanto um estado a ser compreendido quanto os seus símbolos.

³⁰ WACH, 1968, p. 148.

Por um lado, Wach³¹ foi crítico de autores cristãos que reduziam a compreensão do conceito de religião às caracterizações de tradições monoteísta. Por outro lado, criticava também aqueles que subordinavam a religião a fatores externos como a economia, política e a sociedade, preocupados apenas com a função da religião, e acabavam por mascarar o caráter *sui generis* da mesma. O objetivo não é dissociar a religião de outras vivências e atividades individuais ou sociais, mas sim argumentar que entender a interconexão dessas diversas dimensões humanas requer uma análise minuciosa da natureza dos impulsos, estímulos, ações e reações do ser humano. A religião não deve ser vista como algo separado da vida cotidiana, mas sim como uma experiência que influencia e é influenciada por outras vivências. William James³², cujas ideias Wach utiliza, destaca que a essência da experiência religiosa é única e não se encontra em nenhum outro contexto. Assim, ao contrário da ideia de que a experiência religiosa é derivada de outras vivências, argumenta-se que ela possui qualidades distintas que a definem como um fenômeno único, isto é, um fenômeno *sui generis*³³.

Com isso, não significa que seja necessário um mergulho em busca da essência da religião por vias especulativas. A busca pela natureza da religião, segundo Wach³⁴ se dá pelas vias empíricas, partindo daquilo que se manifesta, posto que a experiência religiosa é carregada de intencionalidade. Dessa forma é possível chegar até a natureza da experiência religiosa e fazer distinção de outros tipos de experiência, mesmo que relacionadas. Tendo como horizonte os pressupostos de Tillich, Wach³⁵ defende que a experiência religiosa pertence ao reino das experiências gerais da vida humana, as quais sofrem influência do contexto em que estão inseridas. Contudo, há algo de específico na experiência religiosa uma vez que se refere a algo além da materialidade histórica, que é considerado sagrado dentro do âmbito religioso.

Assim, a fim de conceituar a experiência religiosa genuína, Wach a define a partir de quatro critérios que podem ser aplicados a todas as expressões da experiência religiosa: (1) “A experiência religiosa é uma resposta ao que é experimentado como Realidade Última”³⁶; Wach explica que nas experiências religiosas, o ser humano responde não a um único ou limitado fenômeno, seja material ou não, mas sim ao que ele percebe como a base e influência de todas as suas vivências³⁷. Uma resposta a uma

³¹ WACH, Joachim. *The Comparative Study of Religions*. New York and London: Columbia University Press, 1958, p.27.

³² JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

³³ WACH, Joachim. *Types of religious experience Christian and Non-Christian*. Chicago: The University of Chicago Press, 1951, p.31.

³⁴ WACH, 1958, p.29.

³⁵ WACH, 1958, p.30.

³⁶ WACH, 1958, p. 35, 36; Wach, 1951, p. 32 – tradução nossa.

³⁷ Neste ponto, baseia-se no pensamento do Paul Tillich de ultimate concern, ou preocupação última, ao afirmar que a base da experiência religiosa é a “presença do elemento de ultimacy na estrutura de nossa existência” (TILLICH, 1947, p. 23). Essa ultimacy refere-se à condição de preocupação última com a qual toda pessoa em alguma medida se depararia. Uma preocupação, uma realidade última, que tanto poderia “destruir” quanto “curar” alguém, em razão de como se impõe à existência humana e da qual não se poderia escapar, como afirma Tillich (1985) em “A dinâmica da fé”.

realidade entendida como divina, criativa de valores. Não se caracterizando como uma experiência somente subjetiva, entretanto, “uma resposta objetiva a algo, a alguém e às circunstâncias da vida, ou seja, ela pressupõe interlocutores e reage às situações objetivas”³⁸.

(2) “A experiência religiosa é uma resposta total do ser total ao que é apreendido como Realidade Última”³⁹; Wach explicita que na experiência religiosa o ser humano está totalmente envolvido de forma integral, não somente algo apenas do reino das emoções ou do desejo. Em outras experiências o ser humano está envolvido parcialmente, mas na religiosa não só os aspectos descritivos da vida humana, como também os normativos estão envolvidos, isto é, o ser humano como um todo, sendo essencial para sua existência e não apenas um aspecto isolado da vida. Ele critica a visão moderna que divide a vida humana em esferas separadas, argumentando que a experiência religiosa permeia todas elas, confrontando o indivíduo com um poder maior que qualquer controle racional. Essa experiência não é meramente intelectual, mas uma reação a algo percebido como poderoso, uma consciência de apreensão que não se limita à cognição⁴⁰. Wach⁴¹ também destaca a dualidade de temor e fascínio nesse poder transcendente, reconhecida universalmente⁴². A apreensão desse poder pode levar a uma submissão religiosa ou a uma tentativa de manipulação e controle, ambos coexistindo. A distinção entre a prática religiosa e mágica está na intenção subjacente, não na concretude da realidade última.

(3) “A experiência religiosa é a experiência mais intensa da qual o homem é capaz”⁴³; ela possui um caráter de seriedade que implica lealdade, tornando assim uma experiência existencial.

(4) “A experiência religiosa é prática, isto é, envolve um imperativo, um compromisso que impele o homem a agir”⁴⁴; são ações que decorrem da resposta à Realidade Última. A prática revela que uma experiência religiosa é genuína.

Para ser de fato considerada uma experiência religiosa precisa apresentar os quatro critérios. Caso não apresente, a experiência pode ser considerada como pseudo ou semi-religiosa. Via de regra experiências profundas, mas que não se referem a uma Realidade Última poderiam ser colocadas nessa classificação, segundo Wach⁴⁵.

De acordo com Wach, como na experiência religiosa estão envolvidos aspectos subjetivos e objetivos do ser humano, a fim de ser analisada é requerida uma compreensão que abarque essa totalidade. Wach⁴⁶ sugere que qualquer tentativa de analisar a religião apenas do ponto de vista subjetivo leva a um ciclo vicioso, onde a

³⁸ SOUSA MARTINS, 2022, p.38.

³⁹ WACH, 1958, p. 35, 36; Wach, 1951, p. 32 – tradução nossa.

⁴⁰ Remete a ideia de *sensus nimiris* utilizada por Rudolf Otto em “O Sagrado” (2007).

⁴¹ WACH, 1951, p.36.

⁴² Remete a ideia de *mysterium tremendum* utilizada por Rudolf Otto em “The idea of Holy: an inquiry into the non-rational factor in the idea of the divine and its relation to the rational” (1936) e “O Sagrado” (2007).

⁴³ WACH, 1958, p. 35, 36; Wach, 1951, p. 32 – tradução nossa.

⁴⁴ WACH, 1951, p. 32, 33; WACH, 1958, p. 30-36 – tradução nossa.

⁴⁵ WACH, 1951, p.33.

⁴⁶ WACH, 1990, p.26.

compreensão da experiência interna só é possível através da interpretação de expressões objetivas. Para ele, uma interpretação válida depende de uma compreensão prévia da experiência interna. Portanto, a verdadeira experiência religiosa tende a manifestar-se de diversas maneiras⁴⁷.

Nesse sentido, podemos ver pelo menos três formas de expressão da experiência religiosa: teórica (pensamento), prática (ação) e social (comunhão). Mesmo que essas expressões se manifestem de formas variadas entre as tradições religiosas, segundo o autor, sempre será possível identificá-las. Os três aspectos estão sempre entrelaçados e interconectados, não havendo hierarquia, nem prioridade entre eles. Para uma interpretação completa da experiência religiosa, entendendo seus sentidos interiores, faz-se necessário iniciar a partir de suas expressões⁴⁸.

A expressão teórica diz respeito ao elemento cognitivo da relação do ser humano com aquilo que ele compreende como Realidade Última, sendo possível analisar a partir da forma: mito⁴⁹, doutrina⁵⁰ e dogma⁵¹ e dos respectivos conteúdos sobre “deus” (teologia)⁵², mundo (cosmologia)⁵³ e ser humano (antropologia)⁵⁴.

⁴⁷ Dentre os motivos que levam a experiência religiosa se expressar estão: “Em primeiro lugar, há uma qualidade explosiva, ou seja, é preciso dar vazão à alegria ou à dor e isso pode ser visto nos “sentimentos de reverência, medo e júbilo que enchem o coração do fiel”, em expressões jaculatórias de admiração ou devoção. Em segundo, há um motivo comunicativo, o gosto por compartilhar experiências com outros através de sons, gestos, palavras, ações. E, em terceiro, há o propósito missionário ou propagandístico, que não se resume somente em comunicar algo, mas em atrair outros para vivenciar e experimentar as mesmas experiências que foram comunicadas (WACH, 1951, p. 37; WACH, 1958, p. 60)”. (Sousa Martins, 2022, p.43).

⁴⁸ WACH, 1951, p. 33, 34; WACH, 1990, p. 31.

⁴⁹ O mito é uma forma de explicar a relação entre a realidade material e o transcendente, usando narrativas simbólicas. Ele aborda questões fundamentais da existência humana, como a origem, o propósito e a mortalidade, através de uma linguagem imaginativa e simbólica. Wach sugere que a persistência do mito na expressão da experiência religiosa se deve à sua natureza que transcende a razão. Ele destaca que o mito não é apenas uma história contada, mas uma realidade vivida, que constrói identidades ao narrar eventos arquetípicos e fenômenos físicos através de símbolos (Wach, 1951, p.39; Wach, 1958, p.66).

⁵⁰ A doutrina, como segunda forma de explicação teórica da expressão da experiência religiosa, surge das definições estabelecidas pelos mitos. Ela se desenvolve para criar coerência, preservar insights e estabelecer autoridade, unificando e sistematizando conceitos variados em um sistema normativo. Esse sistema é a base da teologia. A doutrina tem três funções principais: explicar a fé, regular a vida religiosa e defender a fé por meio de sistemas normativos sustentados por defesas apologéticas. Assim, a doutrina desempenha um papel significativo na comunidade religiosa (Wach, 1990, p.35; Wach, 1958, p.68).

⁵¹ A doutrina pode evoluir para dogma, a terceira forma de expressão intelectual da experiência religiosa, conforme descrito por Wach. O dogma é estabelecido quando há uma autoridade competente, visando fortalecer as convicções religiosas, embora possa também resultar em rigidez e estagnação. Com a transição da oralidade para a escrita, surgem os livros e contos sagrados, que podem influenciar o desenvolvimento literário. Esses textos têm o propósito de educar, estabelecer leis e normas, e até mesmo entreter, muitas vezes exigindo outros livros para uma interpretação precisa dentro da tradição religiosa (Wach, 1958, p.71).

⁵² A teologia descreve a Realidade Última, composta por deus ou deuses, sua relação com o mundo e justificação (teogonia e teodiceia).

⁵³ A cosmologia trata da natureza do cosmos, incluindo o mundo, sua origem, fases e destino.

⁵⁴ A antropologia, que inclui soteriologia e escatologia, aborda a origem, natureza e destino do ser humano (Wach, 1951, p. 40; Wach, 1990, p. 36). Segundo Wach, teologia, cosmologia e antropologia são

A expressão prática da experiência religiosa está intimamente ligada à expressão teórica, pois aquilo que se elabora de forma teórica se materializa em atos inspirados religiosamente. Aqui vale lembrar a questão da intencionalidade, dado que para identificar uma ação religiosa é necessário verificar ao que se refere. Todas as ações decorrentes da experiência religiosa, conforme denominadas por Wach como "cultus" (culto), devem ser vistas como expressões práticas. A experiência religiosa integral necessita de materialização por meio de imagens, sons, gestos, ritos e organizações. Estas formas concretizam o que, de outra maneira, permaneceria como aspirações subjetivas e individuais⁵⁵. Portanto, o culto é uma resposta completa e intensa do ser à Realidade Última em forma de ação⁵⁶.

Não obstante, é na expressão social que as expressões teóricas e práticas cumprem seu verdadeiro significado; "ambos orientam e 'centralizam' a comunidade formada por aqueles que estão unidos em uma experiência religiosa específica, enquanto a comunidade cultiva, molda e desenvolve no pensamento e na ação a expressão de sua experiência religiosa"⁵⁷.

O ato religioso é uma experiência individual de confronto com a Realidade Última. No entanto, o desejo de comunicação e a necessidade de comunhão são poderosos motivos de associação entre os indivíduos. Wach destaca que a comunhão facilita o entendimento mútuo e que, historicamente, a ação religiosa esteve sempre ligada à interação com o outro⁵⁸. Todas as religiões desenvolvem algum tipo de comunhão, cuja natureza, intensidade, duração e organização variam conforme a experiência de seus membros com as divindades e entre si⁵⁹. A comunidade religiosa se distingue por sua orientação à Realidade Última e pelas relações entre seus membros, apresentando-se como um microcosmo com características próprias⁶⁰. A intensidade do vínculo religioso pode superar outros laços sociais, até mesmo os familiares, em algumas tradições⁶¹. A identidade e coesão da comunidade são preservadas por símbolos, mitos, doutrinas, ritos e práticas, que podem ser precisas ou espontâneas⁶².

Todo grupo religioso possui uma estrutura hierárquica baseada em características religiosas e extra-religiosas, determinando funções, autoridade e

centrais em todo pensamento religioso. As relações entre Deidade, mundo e homem são importantes e formuladas em mitos, doutrinas, dogmas, escritos sagrados, confissões de fé e credos. Essas formulações são constantemente questionadas, criticadas e defendidas (Wach, 1958, p. 76, 77).

⁵⁵ WACH, 1958, p. 99.

⁵⁶ Conforme Sousa Martins (2022, p. 47), "Wach destaca que o culto pode ser dividido em duas principais formas, a adoração/devção e o serviço, e essas formas estão "intimamente relacionadas". Assim sendo, a Realidade Última é reverenciada em um ato de adoração e é servida como resposta e como uma obrigação para entrar em comunhão com o Sagrado (Wach, 1958, p. 98). Essa adoração e serviço podem ser divididos em: ritos (liturgia), símbolos (imagens), sacramentos (coisas e feitos visíveis) e sacrifícios"

⁵⁷ WACH, 1958, p. 121 – tradução nossa.

⁵⁸ WACH, 1951, p. 45.

⁵⁹ WACH, 1945, p. 428.

⁶⁰ WACH, 1958, p. 123.

⁶¹ WACH, 1958, p. 126.

⁶² WACH, 1951, p. 46.

participação⁶³. A autoridade é frequentemente justificada pela vontade divina, com líderes considerados porta-vozes do divino devido à sua capacidade de compreensão espiritual⁶⁴. Alguns grupos religiosos estabelecem regras para o contato com agentes externos, valorizando a lealdade religiosa acima de outras formas de associação⁶⁵.

Levantamos inúmeras abas que poderiam nos render discussões pormenorizadas sobre as conceituações de Wach. Fato é que seu conceito de experiência religiosa e suas expressões nos permitem um estudo acadêmico da religião que foge às raias teológicas confessionais. Entender a religião como experiência, como fenômeno vivido e experimentado pelos seres humanos coloca a CR no *hall* das ciências humanas e promove legitimidade acadêmica. Mas, vejamos, é um objeto que tem algo de específico, ele é *sui generis*, o que nos leva a pensar que é necessária uma abordagem que dê conta desse fenômeno que outras ciências não poderiam oferecer. E é sobre isso que abordaremos no tópico seguinte.

3. A compreensão empática da experiência religiosa

Dentre as propostas normativas e descritivas, advogadas pela CR ainda hoje, Wach procura ficar a meio caminho. Mesmo entendendo a CR como uma ciência empírica, ele afirma que os dados carecem de interpretação e, para isso, escolhe a via da fenomenologia da religião. Ainda que não atribua essa nomenclatura para sua abordagem, o autor pontua bem suas influências como a fenomenologia das essências de Scheler e a fenomenologia da experiência do Sagrado de Otto. Esse tipo de abordagem, segundo Wach⁶⁶ permite que os dados religiosos falem por si mesmos, sem a necessidade de forçá-los a qualquer esquema pré-concebido.

A primeira pergunta que leva Wach a pensar sobre uma abordagem adequada para dar suporte à interpretação da experiência religiosa foi a pergunta em relação ao pesquisador(a), uma vez que, como vimos, a experiência envolve aspectos existenciais, de sentido de vida daqueles que a experimentam. Então, nesse sentido, um cientista que é religioso poderia pesquisar uma outra religião que não a sua? Existem vantagens, limites, é necessário um distanciamento, como proceder? É possível falar sobre uma religião do ponto de vista externo sem nenhum envolvimento? Isso traria mais neutralidade para pesquisa? Nesse caso, o pesquisador não poderia estudar a sua própria religião dado que ele poderia influenciar teologicamente a sua pesquisa? Esse de fato é um tema caro para as ciências humanas, uma vez que estamos lidando com um objeto vivo, dinâmico e que pode nos interpelar a qualquer momento.

Para responder a essas questões, Wach estabelece num primeiro momento, uma relação com a pesquisa sobre religiões “mortas”/passadas. Nunca foi posto como problemático, por exemplo, que um historiador pesquise sobre as religiões mortas. Esse tipo de estudo já evidencia por si só a possibilidade de alguém de fora estudá-las. Como podemos ter certeza de que entendemos corretamente as religiões do passado? A persuasão das representações que recebemos delas é garantia de verdade? A

⁶³ WACH, 1958, p. 129.

⁶⁴ WACH, 1958, p. 135-136.

⁶⁵ WACH, 1958, p. 139.

⁶⁶ WACH, 1988, p. 83, 92.

consistência de nosso conhecimento sobre essas religiões é suficiente para garantir a verdade? Os erros podem parecer convincentes e verdadeiros⁶⁷?

As pesquisas históricas podem revelar erros, mas há dois problemas distintos a considerar. Primeiro, há a complexidade e a irracionalidade inerentes aos fenômenos individuais e históricos. Segundo, há características específicas da história que podem ser mal compreendidas devido ao nosso próprio ponto de vista limitado. Wach reconhece a influência do contexto de cada geração e época na interpretação da história, o que justifica a necessidade de revisões periódicas ou reinterpretções do passado. Para compreender os eventos passados de maneira adequada, os pesquisadores devem estar cientes dos padrões de sua própria época e comparar suas descobertas com as de outros estudiosos engajados em análises históricas conscientes⁶⁸.

Isto posto, Wach defende a importância do distanciamento emocional do pesquisador para garantir a objetividade, reconhecendo que o envolvimento emocional pode prejudicar a imparcialidade. No entanto, a definição de objetividade permanece ambígua. Alguns argumentam que os pesquisadores devem deixar de lado suas opiniões políticas e preconceitos pessoais, enquanto outros afirmam que é necessário transcender completamente os pontos de vista individuais e alcançar uma forma de objetividade pura. De fato, existem obstáculos que comprometem a objetividade e podem distorcer os resultados da pesquisa. Isso levanta questões sobre quais elementos favorecem a objetividade de um(a) pesquisador(a) e qual deve ser sua relação apropriada com o objeto de estudo, incluindo a distância necessária. Wach questiona a real viabilidade de uma objetividade total, argumentando que isso resultaria em falta de experiência de vida, compreensão limitada da humanidade e superficialidade nos insights. Ele enfatiza a importância da crítica na pesquisa, indicando que a ausência dela é que deve suscitar suspeitas⁶⁹.

Wach não propõe um afastamento total da experiência religiosa, pelo contrário, com a intenção de compreender o objeto, é necessário um *interesse*, uma afinidade, “uma relação entre o(a) pesquisador(a) e a experiência que se realiza nos sujeitos religiosos”⁷⁰. A frieza, o desinteresse, o afastamento não possibilita uma verdadeira inserção no sujeito. É o *interesse* que conduz à curiosidade investigativa. Na CR, o *interesse* é crucial para entender diferentes fenômenos e justificar sua investigação. Esse *interesse* impulsiona os esforços acadêmicos, mas há limites na compreensão, pois estamos naturalmente inclinados a entender apenas o que nos é familiar. O *interesse* pode ser tanto positivo quanto negativo (um estranhamento) e refletir sobre ele ajuda a equilibrar suas dimensões e neutralizar suas tendências. Justamente por esse motivo que Wach enfatiza a importância da honestidade na pesquisa, incentivando os pesquisadores a comunicar suas motivações e perspectivas para evitar

⁶⁷ WACH, 1988, p. 102.

⁶⁸ WACH, 1988, p. 104.

⁶⁹ WACH, 1988, p. 108.

⁷⁰ SOUSA MARTINS, 2022, p. 54.

impor seus próprios valores. Isso é crucial para a qualidade da pesquisa, para os leitores e para o desenvolvimento do pesquisador⁷¹.

A participação significativa na pesquisa, depende da individualidade ou do *carácter* (*character*) humano. Quando esse *carácter* está presente, uma relação entre o observador e o objeto de estudo pode ser estabelecida, permitindo compreensão e interpretação, mesmo sem pertencer a um grupo religioso específico. Isso permite que o(a) pesquisador(a) aprecie um objeto originado em um contexto estrangeiro. Assim, *interesse* e *carácter* não afetam necessariamente a objetividade da relação do(a) estudioso(a) com o tema. Como exemplifica Wach, um(a) cientista da religião, mesmo não sendo cristão, pode entender o cristianismo melhor em certas circunstâncias do que um cristão, ou até mesmo um teólogo cristão. Não é preciso adotar uma posição positiva em relação ao fenômeno para apreciá-lo adequadamente⁷².

Wach identifica o *carácter* humano como um sentido inato de religiosidade. Ele argumenta que, mesmo que a necessidade de religião possa ser suprimida, essa disposição está sempre presente. Assim, todas as pessoas têm a capacidade de compreender e se envolver na Ciência da Religião, embora essa capacidade possa variar conforme o desenvolvimento do sentido religioso.

É importante observar que essa ideia de Wach se baseia na noção de um “*sensus numinis*”, uma capacidade inerente de experimentar sentimentos religiosos, e na concepção de uma Realidade Última na natureza humana. Esta visão tem sido amplamente discutida ao longo do tempo, embora não seja o foco deste trabalho, é importante pontuar essa questão mesmo que brevemente.

Para isso, vale observar o argumento de Pals sobre o assunto. O autor critica essa abordagem, alegando que a ênfase em conceitos especulativos sobre a psique humana, como proposto por Otto e Eliade, carece de base empírica e está distante dos dados concretos⁷³. Em contrapartida, ele sugere uma abordagem humanista mais focada na explicação intencional do agente, em vez de especulações metafísicas. Assim, é possível manter a singularidade da religião sem recorrer a categorias especulativas, compreendendo-a como um fenômeno humano, onde a agência principal reside no ser humano, não no sagrado⁷⁴. Pals⁷⁵ argumenta duas ideias principais: primeiro, nenhuma explicação de um fenômeno religioso é completa sem referência a categorias humanísticas, incluindo pensamentos, ações e sentimentos expressos por indivíduos ou comunidades. Segundo, nenhuma explicação humanística é suficiente sem considerar pensamentos e ações reconhecíveis como religiosos. Portanto, compreender a religião não depende de uma categoria especulativa, mas da compreensão do caráter humano como base para a religiosidade.

⁷¹ WACH, 1988, p. 109.

⁷² WACH, 1988, p. 110.

⁷³ PALS, Daniel. Is Religion a sui generis phenomenon? *Journal of the American Academy of Religion*, Volume LV, Issue 2, 1 July 1987, P. 267.

⁷⁴ PALS, Daniel. Axioms without Dogmas: Response. *Journal of the American Academy of Religion*, Volume LIX, Issue 4, 1 December 1991, p. 705.

⁷⁵ WACH, 1990, p. 9, 10.

Essa visão difere da de Wach, que sugere que todos têm a capacidade de entender a religião devido a um “*sensus numinis*”. Nesse ponto então, avançamos com Pals, argumentando que a compreensão da religião decorre da humanidade compartilhada, permitindo-nos entender a experiência religiosa através da empatia e do conhecimento cultural. Se aceitarmos a perspectiva de Wach, seria necessário despertar uma infinidade de “naturezas” dentro do pesquisador para compreender cada grupo ou indivíduo, o que é impraticável. Em vez disso, propomos que a capacidade de compreender as diferenças do outro derive da compreensão do *carácter* humano como uma capacidade de construir horizontes interpretativos de sentido, não como um *sensus numinis*.

Voltando à abordagem de Wach, ele levanta uma questão crucial sobre a pesquisa na CR: até que ponto é necessária a experiência pessoal para entender um ser humano, um fenômeno espiritual ou intelectual? Ele propõe a teoria da “congenialidade” ou compreensão empática (*sympathetic understanding*)⁷⁶. Wach destaca que a compreensão empática não se confunde com simpatia ou imitação. É um processo espontâneo e produtivo, não uma imitação da condição psicológica do sujeito. Interessar-se por algo envolve uma experiência interna que precede as experiências externas vividas pelos indivíduos, permitindo, por exemplo, que alguém que não esteja apaixonado compreenda um apaixonado, ou que poetas falem sobre experiências que não viveram pessoalmente⁷⁷.

Ao *interesse* e *carácter* humano, Wach⁷⁸ une a capacidade interior da *imaginação*, uma vez que “em um grau surpreendente, a imaginação pode complementar as experiências e até mesmo substituí-las”. Citando Dilthey e Thomas Mann, Wach explora o papel da *imaginação*, que é uma criatividade independente, impulsionada pela saudade ou anseio. A imaginação permite ao poeta apreender ideias e sentimentos que a experiência real não poderia ensinar. Da mesma forma, o pesquisador, ao sentir afinidade com seu objeto de estudo, entra em uma comunicação misteriosa que o leva a penetrar em seu núcleo. Isso não significa que o pesquisador se torne o objeto estudado; ao contrário, a *imaginação* é alimentada para compreender profundamente. Assim, toda experiência religiosa e sua expressão podem ser compreendidas⁷⁹.

⁷⁶ Expressão utilizada por Wach em seus livros, principalmente em “*Sociology of Religion*” (1947, p. 10) que foi traduzido para o português como compreensão solidária (WACH, 1990, p. 21). Simpatético não é uma palavra portuguesa, ela vem do grego *sympatheticus*, mas encontramos seu uso em outros idiomas, como inglês, espanhol, italiano. Seu significado remete a sentimentos afins, complacente, ou como a tradução italiana coloca: “Que está em perfeita harmonia com a maneira de pensar e sentir, o caráter e inclinações de uma pessoa” (Cf. <<https://www.treccani.it/vocabolario/simpatetico/>>). Nesse caso, em português a palavra que carrega o mesmo significado e sentido que são expressos por Wach é empatia. Por esse motivo, optei por traduzir como compreensão empática e não solidária, como quer a tradução que deram em português, pois a palavra solidária pode trazer outros sentidos que fogem ao que Wach quer expressar” (Sousa Martins, 2022, p.58).

⁷⁷ WACH, 1988, p. 111, 112.

⁷⁸ WACH, 1988, p. 113.

⁷⁹ WACH, 1988, p. 114.

Assim, podemos resumir a Compreensão Empática proposta por Wach da seguinte forma:

Logo, a compreensão empática da experiência religiosa pressupõe um *interesse* genuíno por parte do(a) pesquisador(a)/docente sobre aquilo que se pretende estudar. Essa afinidade requer a constatação de um *carácter humano*, uma característica humana, presente no(a) pesquisador(a) e na expressão da experiência religiosa vivenciada pelo indivíduo religioso. Essa característica se refere à capacidade humana de construção de horizontes de sentido, uma capacidade que todos os seres humanos possuem de significar, interpretar o mundo e as coisas. Esse *carácter* possibilita que o(a) pesquisador(a) consiga compreender a experiência do sujeito religioso, dado que a religião também é uma experiência de sentido. Assim, a partir do poder da *imaginação*, é possível que o(a) estudioso(a) penetre no mundo religioso e compreenda os seus sentidos interiores, pois a *imaginação* permite que o ser humano transcenda seu mundo de experiências e aponte em direção da vida em que está relacionada, isto é, tal como acontece com a empatia, o(a) pesquisador(a) consegue se colocar no lugar do outro e compreendê-lo⁸⁰.

Tendo como ponto de partida essa abordagem, Wach indica que a metodologia a ser empregada para realizar as análises pode variar entre as diversas metodologias das Ciências Humanas, mas indica que tem preferências pela análise tipológica, utilizando, por exemplo, a categoria de “clássicos” para auxiliar no agrupamento dos dados religiosos⁸¹.

Conclusão

Tomando como referência o intuito de apontar os principais conceitos de Joachim Wach para Ciência da Religião, vimos que experiência religiosa enquanto uma resposta do indivíduo à sua compreensão da Realidade Última, sendo existencial e profundamente mobilizadora para o sujeito religioso. Além do aspecto subjetivo, a experiência religiosa também influencia a ação prática, manifestando-se em expressões teóricas, práticas e sociais. Wach, então utiliza a abordagem de Compreensão Empática que vai além da simples simpatia, envolvendo uma conexão interna baseada no *interesse*, na compreensão do *carácter* humano e na *imaginação*. Essa abordagem permite ao pesquisador apreender ideias e sentimentos, compreendendo o fenômeno estudado independentemente de sua própria afiliação religiosa ou contexto histórico. Dessa forma, ao cientista da religião é possível chegar a uma compreensão total da experiência religiosa em seus aspectos internos e externos. Assim, a CR pode empregar diversos métodos das ciências humanas, com ênfase no método tipológico, conforme defendido por Wach, com o objetivo de estudar as religiões de forma descritiva e interpretativa.

⁸⁰ SOUSA MARTINS, 2022, p. 59, 60

⁸¹ Cf. WACH, 1944, 1951, 1990

Isto posto, voltamos às intenções iniciais do artigo, que seja, apresentar um autor ainda pouco explorado na CR brasileira, e segundo, captar as contribuições do mesmo para pensarmos a autonomia da área e ajudar a resolver os imbróglis epistemológicos que está envolvida. Pensar epistemologicamente uma área de estudos envolve delimitação do seu objeto, forma adequada de pesquisá-lo e de aplicação social. Acreditamos ter sido possível ver nas elaborações de Wach possibilidades para esse embasamento. Uma vez que o mesmo oferece um conceito de religião/experiência religiosa que abarca e contempla, em alguma medida, as representações religiosas em nosso contexto e fora dele, assim como oferece uma abordagem própria para compreendê-la permitindo captar as especificidades e complexidades envolvidas no fenômeno religioso. Wach também lança as bases para uma possível aplicação social da CR, contudo, limitado por seu contexto, este só escreveu sobre uma aplicação na teologia. No trabalho doutoral empreendido pela presente pesquisadora, por exemplo, propusemos a aplicação da CR, elaborada por Wach, ao Ensino Religioso. Para não fugir do escopo desse artigo, nos limitamos, então, a apresentar e expor as principais conceituações Joachim Wach que lançam bases para refletirmos sobre CR no Brasil.

Referências

- DOWELL SJ, João A. Mac. Experiência religiosa e cultura moderna. *Interações - Cultura e Comunidade* / v. 3 n. 4 / p. 17-36 / 2008.
- FIGUEIRA, Eulálio Avelino Pereira. A religião na contingência e solidariedade: a experiência humana do sagrado para o fazer ciência da religião – um estudo à luz do pensamento pragmático de Richard Rorty. (In.). *Revista Lusófona De Ciência Das Religiões* – Ano IV, n.º 7/8 – 289-305. 2005.
- FRICK, Eugene George. *The meaning of religion in the religionswissenschaft of Joachim Wach, the theology of Paul Tillich, and the theology of Karl Rahner: an inquiry into the possibility of a christian theology of the history of religions*. 1972. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Pós-Graduação da Universidade Marquette, Milwaukee, Wisconsin, 1973.
- GROSS, Eduardo. A ciência da religião no Brasil: teses sobre a sua constituição e seus desafios. (In.). OLIVEIRA, Kathlen Luana de et al. (Orgs.). *Religião, Política, Poder e Cultura na América Latina*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2012.
- HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico; PORTELLA, Rodrigo. Ciência da Religião: uma proposta a caminho para consensos mínimos. (In.). *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 433-456, 2012.
- JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.
- KITAGAWA, Joseph M. Introduction. (In.). WACH, Joachim. *Understanding and Believing: Essays by Joachim Wach*. pp. vii – xviii. (Ed.). Joseph M. Kitagawa. New York: Harper Torchbooks, 1968.

KITAGAWA, Joseph M. Introduction: The life and thought of Joachim Wach. (In.). WACH, Joachim. *The Comparative Study of Religions*. pp. xiii – xlvi. New York and London: Columbia University Press, 1958.

KITAGAWA, Joseph M. Introduction: Verstehen and Erlösung. (In.). WACH, Joachim. *Introduction to the history of religion*. Joachim Wach. (Ed.). Joseph M. Kitagawa; Gregory D. Alies; Karl W. Luckert. New York: Macmillan Publishing Company; London: Collier Macmillan Publishers. 1988.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

OTTO, Rudolf. *The idea of Holy: an inquiry into the non-rational factor in the idea of the divine and its relation to the rational*. London: Oxford University Press, 1936.

PALS, Daniel. Autonomy, legitimacy, and the Study of Religion - Colloquium: does autonomy entail Theology? *Religion*, v. 20, 1990, pp. 1-16.

PALS, Daniel. Axioms without Dogmas: Response. *Journal of the American Academy of Religion*, Volume LIX, Issue 4, 1 December 1991, Pages 703–709.

PALS, Daniel. Is Religion a sui generis phenomenon? *Journal of the American Academy of Religion*, Volume LV, Issue 2, 1 July 1987, Pages 259–284.

SOUSA MARTINS, Nathália Ferreira de. *Por um ensino religioso empático: proposta de aplicação da compreensão empática da experiência religiosa de Joachim Wach para o Ensino Religioso*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2022.

STERN, Fábio L. Taxonomia da ciência da religião: considerações sobre três ramos da disciplina. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 44, 2023.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TILLICH, Paul. The Problem of Theological method II. (In.). *The Journal of Religion*, 27 (1), pp.16-26. Chicago: University of Chicago Press, 1947.

WACH, Joachim. *Essays in the History of Religions*. New York: Macmillan Publishing Company, 1988.

WACH, Joachim. General Revelation and Religions of the World. (In.). *Journal of Bible and Religion*, pp. 83 – 93. Vol. XXII, n. 2. (April). Oxford: Oxford University Press, April, 1954.

WACH, Joachim. *Introduction to the history of religion*. Joachim Wach. (Ed.). Joseph M. Kitagawa; Gregory D. Alies; Karl W. Luckert. New York: Macmillan Publishing Company; London: Collier Macmillan Publishers. 1988.

WACH, Joachim. On Teaching History of Religions. (In.). W. J. KOOIMAN; J. M. VAN VEEN. *Pro Regno Pro Sanctuario*. pp. 525 – 532. Nijkerk: G. F. Callenbach N. V. Utgever, 1950.



WACH, Joachim. On Understanding. (In.). A. A. Roback (ed.). *The Albert Schweitzer Jubilee Book*. Pp. 131 – 146. Cambridge: SCI-Art Publishers, 1946.

WACH, Joachim. Os ramos da Ciência da Religião. *REVER* • v. 18 • n. 2 • mai/ago 2018.

WACH, Joachim. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1990.

WACH, Joachim. Sociology of Religion. (In.). GURVITCH, Georges; MOORE, Wilbert E. (Ed.). pp. 405 – 437. *Twentieth Century Sociology*. New York: Philosophical Library, 1945.

WACH, Joachim. *Sociology of religion*. Chicago: University of Chicago Press, 1944.

WACH, Joachim. *The Comparative Study of Religions*. New York and London: Columbia University Press, 1958.

WACH, Joachim. *Types of religious experience Christian and Non-Christian*. Chicago: The University of Chicago Press, 1951.

WACH, Joachim. *Understanding and Believing: Essays by Joachim Wach*. (Ed.). Joseph M. Kitagawa. New York: Harper Torchbooks, 1968.